

“Os segredos da beleza sem idade”:¹

O imperativo da juventude e a cultura da jovem velhice feminina²

“The secrets of ageless beauty”:

The imperative of youth and the culture of the young female oldness

Fabiola Calazans

Professora associada e pesquisadora da graduação e da pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da UnB. Líder do grupo de pesquisa CETAS - Centro de Estudos sobre Tecnologia, Afetos e Subjetividade (CNPq) e membro do grupo de pesquisa Cultura, Mídia e Política (CNPq). Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Brasília (DF), Brasil.

Angélica Fonsêca

Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

Resumo

Apresentam-se algumas reflexões sobre o valor do corpo jovem e a ideia do aparentar jovem na velhice, a fim de investigar de que forma o imperativo da imagem corpórea jovem e a performance

¹ Aspas baseadas no título da matéria da Revista digital Vogue de maio de 2022 sobre a série Grace and Frankie em que se lê: “Os segredos da beleza sem idade de ‘Grace and Frankie’, dos cabelos grisalhos de Jane Fonda ao ondulado definido de Lily Tomlin”. Disponível em: <http://glo.bo/3Nr5Jy0>. Acesso em 11 jun. 2023.

² Parte deste trabalho foi apresentada no XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 05 a 08 de junho de 2018. Esta versão inclui atualizações e novas imagens para compreender os fenômenos debatidos.

feminina ótima e feliz reconfiguram e estabelecem novos valores para as subjetividades das mulheres na velhice. Esses novos valores constituem o que aqui se propõe como a cultura da jovem velhice, um modo performático que tem reordenado subjetividades, especialmente as das mulheres. A partir de um breve recuo genealógico sobre a velhice, investigam-se o imperativo da imagem corpórea jovem e a cultura da jovem velhice feminina. Como corpus são analisadas notas reflexivas sobre a atriz Jane Fonda, a série da Netflix *Grace and Frankie* e a exposição artística *Aging Pride*. Verificou-se que a jovem velhice feminina corresponde à capacidade de cuidar de si, de ser autônoma, apta a gerir-se a fim de se evitar o fracasso pessoal.

Palavras-chave: Velhice. Neoliberalismo. Corpo.

Abstract

We present some reflections on the value of the young body and on the idea of looking young in old age in order to investigate how the imperative of the young body image and the optimal and happy feminine performance reconfigure and establish new values for the subjectivities of women in old age. It is believed that these new values constitute what is proposed here as the culture of young age, a performativity way that has rearranged subjectivities, especially those of women. From a brief genealogical retreat on old age, we set out to investigate the imperative of the young corporeal image and the culture of the young female oldness. We analyze reflective notes on actress Jane Fonda, the Netflix series "Grace and Frankie" and the Aging Pride art show. It has been found that the young female old age corresponds to the capacity to take care of oneself, to be autonomous, able to manage and to watch to avoid personal failure.

Keywords: Oldness. Neoliberalism. Body.

Resumen

Este artículo presenta algunas reflexiones sobre el valor del cuerpo joven y sobre la idea de aparentar joven en la vejez. Nuestro objetivo es investigar cómo el imperativo de la imagen corporal juvenil y el desempeño femenino óptimo y feliz reconfiguran y establecen nuevos valores para las subjetividades de las mujeres en la vejez. Se cree que estos nuevos valores constituyen lo que aquí se propone como la cultura de la vejez joven, un modo performativo que ha reordenado

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.362>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p. 47-69, set./dez. 2023

las subjetividades, especialmente las de las mujeres. A partir de un breve retiro genealógico sobre la vejez, se investiga el imperativo de la imagen corporal joven y la cultura de la vejez femenina joven. Como corpus se analizan notas reflexivas sobre la actriz Jane Fonda, la serie de Netflix “Grace and Frankie” y la exposición artística Aging Pride. Se encontró que la vejez femenina joven corresponde a la capacidad de cuidarse, ser autónoma, capaz de administrarse y velar por sí misma para evitar el fracaso personal.

Palabras clave: Vejez. Neoliberalismo. Cuerpo.

Introdução

Inspirado pela observação de Mark Twain na qual o escritor afirmava que a melhor parte da vida era o início e a pior, o fim, Scott Fitzgerald criou um conto, imaginando como seria a vida de alguém que já nascesse velho e se tornasse mais novo a cada dia.

Não restava dúvida alguma: parecia agora um homem de trinta anos. Em vez de encantado, sentiu-se inquieto: ele estava se tornando mais novo. Até então esperara que, uma vez atingida uma idade física equivalente à sua idade cronológica, o grotesco fenômeno que assinalara o seu nascimento deixaria de funcionar. Estremeceu, arrepiado. O seu destino parecia-lhe assustador, incrível. (FITZGERALD, 2009, p. 37)

No conto, publicado pela primeira vez em 1922, “O estranho caso de Benjamin Button”, o autor narra a história destacando uma temporalidade cronológica: começa com o nascimento, em 1860, e segue essa estrutura até o final do conto. Apesar de as experiências vividas pela personagem estarem na ordem inversa — a velhice no nascimento e a infância na morte —, enquanto todos a sua volta seguem o curso biológico da vida, sua narrativa está ao contrário. Sob o título de “O curioso caso de Benjamin Button”, David Fincher romantizou a história para o cinema em 2009 e, devido aos efeitos especiais e maquiagem, foi premiado três vezes no Oscar. Longe de ser alvo de atenção apenas da indústria cinematográfica e da literatura, o fascínio pela juventude, por rejuvenescer, está presente em diversos discursos, dos médicos aos publicitários, e na contemporaneidade norteia as práticas e os cuidados de si (FOUCAULT, 1984; 1985).

O tempo é um adversário que deve ser vencido ou gerenciado para mitigar os efeitos no corpo. Nascer velho, que parece apenas uma fábula, ganha o *status* de síndrome ao ser identificado na literatura científica. Conhecida como síndrome de Hutchinson-Gilford ou progéria, faz com que crianças envelheçam tão rapidamente que tornam a aparência e os corpos debilitados como os de um ancião, prejudicando a

longevidade, pois dificilmente as pessoas que têm a doença chegam à adolescência. Pelo seu ineditismo, além de matérias jornalísticas, esse tipo de caso raro torna-se uma série médica americana chamada *40 Years-Old Child*, que apresenta histórias reais de indivíduos com problemas de envelhecimento precoce³.

No entanto, não é apenas o caráter extraordinário de síndromes como essa que desperta curiosidade: corpos são alvo de apropriação da mídia em esferas cada vez mais sutis de cooptação neoliberal como estratégias de inclusão e visibilidade de diferentes atores. Há casos como o da apresentadora Martha Stewart, 81, que se tornou a mulher mais velha a estar na capa da revista americana *Sports Illustrated Swimsuit* (FIGURA 1), edição anual, que mostra ensaios com celebridades em roupa de banho por todo mundo. Ao aceitar o convite, Martha afirmou que sua participação seria para mostrar que “é possível se sentir bem com qualquer idade”⁴. Personagem que também gerou uma infinidade de cliques para sites deste tipo, em abril de 2023, Apo Whang-Od, *mambabatok* (tatuadora tradicional de Kalinga nas Filipinas), despertou curiosidade por ser a pessoa mais velha a estrelar a capa da *Vogue*, com 106 anos (FIGURA 2). Segundo a editora-chefe da *Vogue* Filipinas, Bea Valdes, a decisão unânime partiu da equipe da publicação, que acredita “que o conceito de beleza precisa evoluir e incluir rostos e formas diversas e inclusivas. O que esperamos falar é a beleza da humanidade”⁵.



FIGURA 1 – Martha Stewart para revista *Sports Illustrated Swimsuit*
Fonte: Divulgação *Sports Illustrated*



FIGURA 2 – Apo Whang-Od para revista *Vogue Filipinas*
Fonte: Divulgação *Vogue Filipinas*

³ *The real-life Benjamin Button: Boy, 4, looks like an old man and can't go to school 'because other children are scared of him.* Disponível em: <https://bit.ly/43EjleL> Acesso em 11 de jun. 2023.

⁴ “Apresentadora de 81 anos posa de maiô para capa de revista”. Disponível em: <https://bit.ly/43VrWcC> Acesso em 11 de jun. 2023.

⁵ Reportagem à CNN Brasil: “Filipina de 106 anos é a modelo mais velha da capa da *Vogue*”. Disponível em: <https://bit.ly/43KpRQS> Acesso em 11 de jun. 2023.

Talvez relevantes por motivos diferentes, seja pelo grotesco, seja pelo fantasioso, associados ao conto de Fitzgerald e aos padrões estéticos dos exemplos seguintes, esses fenômenos são imagens que coexistem na contemporaneidade em meio a diversas lutas interessadas que engendram valores e sentidos relacionados ao desejo de ser e parecer jovem em um combate constante contra as ações do tempo no corpo orgânico. Ou, ainda, como uma forma discursiva que a indústria midiática tem de enquadrar “os modos de ser e estar no mundo” (SIBILIA, 2002, p. 16), como o caso de Whang-Od, em histórias de sucesso, de bom empresariamento do indivíduo, assim, digno de visibilidade.

Ser jovem, ter uma boa forma, gerenciar seu corpo em busca de um estilo de vida considerado bem-sucedido são atributos esperados e desejados em nossa sociedade contemporânea. No entanto, parece próprio desta época um medo relacionado à organicidade do corpo. Mais que uma atribuição à morte e ao ritmo natural da finitude da vida, observa-se o pavor quanto às rugas e qualquer marca corpórea que remeta à ação do tempo. Parte-se do entendimento de que discursos e imagens falam da atualidade, das subjetividades contemporâneas, de como o sujeito pode ser compreendido e das maneiras como cuidamos de nós mesmos, que são também marcas de deslocamentos de sentidos de um projeto de sociedade.

Diante desse quadro, observa-se que o corpo é um valor central para a sociedade contemporânea, especialmente quando o corpo de uma pessoa velha aparenta e é reconhecido como jovem. Neste artigo, apresentam-se algumas reflexões sobre o valor do corpo jovem e sobre a ideia de jovem velhice, que será aqui definida. A questão central que guia nossas inquietações é a seguinte: de que forma o imperativo da imagem corpórea jovem e a performance feminina ótima e feliz reconfiguram e estabelecem novos valores para as subjetividades das mulheres na velhice? Acredita-se que esses novos valores constituem o que aqui se propõe como a cultura da jovem velhice, um modo performático que tem reordenado subjetividades. Para iniciar este artigo, faremos um breve recuo genealógico sobre a velhice para compreender minimamente o solo epistêmico a ela associado.

Como forma de ilustrar essa cultura, parte-se da análise das personagens da série *Grace and Frankie*, produção original da Netflix, lançada em 2015 e encerrada em 2022⁶ com sete temporadas. A série tem um elenco constituído de protagonistas com mais de 80 anos: a saber, Jane Fonda (85 anos), Lily

⁶ Marta Kauffman, criadora da série, comenta o término na sétima temporada. Disponível em: <https://bit.ly/3Jvsr5J> Acesso em 11 de jun. 2023

Tomlin (83 anos), Sam Waterston (82 anos) e Martin Sheen (82 anos), algo pouco comum nas produções audiovisuais da atualidade, especialmente com sucesso de produção por sete anos. Grace e Frankie são protagonizadas por Jane Fonda e Lily Tomlin, atrizes que são amigas há mais de 37 anos, aproximadamente o tempo de amizade dessas personagens também.

Grace and Frankie apresenta a velhice por meio da comédia, abordando temas não raro silenciados nessa fase da vida, como invisibilidade, sexualidade, amizade, medicalização, torpor, vícios, relação familiar, exercício da cidadania, direitos na velhice, bem como vida e morte. Ao mesmo tempo que a série busca abordar o que há de ruim na velhice, *Grace and Frankie* é uma tentativa audiovisual de ressignificar a velhice e vincular a essa fase da vida outras narrativas e possibilidades de experiência.

Não se deseja encerrar o debate sobre o imperativo da jovem velhice nem sobre a série, mas, no limite, empenha-se em promover um pensamento complexo e interdisciplinar que possa de alguma forma elucidar os novos valores sobre o envelhecimento da mulher. Por fim, para mostrar a existência de resistências potenciais na arte contemporânea frente ao imperativo da cultura da jovem velhice feminina, problematizam-se duas obras da exposição *Aging Pride* (em uma livre tradução, orgulho da velhice), que ocorreu no Museu Belvedere de Viena entre 2017 e 2018.

Uma breve genealogia da velhice

Médicos, naturalistas, filósofos, ao longo dos séculos, viram a velhice como uma degradação decorrente das várias perdas sofridas pelo corpo, tais como de sentido, calor, força. As causas, as manifestações, os remédios e a prevenção do envelhecimento são próprios de cada projeto de sociedade. Em Hipócrates, por exemplo, no desenvolvimento da teoria dos quatro humores, que visa compreender o equilíbrio para uma boa saúde, a velhice é um momento da vida natural e irreversível. Virgínia Moreira e Nícia Nunes (2008) mapeiam que, na idade média, diversas práticas ascéticas e verdadeiros rituais estavam associados ao ser jovem. Elixires da longa vida e juventude – cujas receitas usavam símbolos como o sacrifício de virgens, beber e drenar sangue, tomar leite materno, transfusão de sangue de homens jovens – eram as formas de lutar contra os prejuízos do envelhecimento.

De acordo com Bernadette Puijalon e Jaqueline Trincaz (2012, p. 996), o *Dicionário universal de medicina* de 1747 definiu o termo “gerocomia” como “parte da medicina que prescreve e define os idosos”, e o *Grande dicionário Littré*, de 1872, introduz o conceito de “géroncotomie”, que pode ser

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.362>

entendido como “higiene dos idosos”. Neste mesmo período, ao longo dos séculos XVII e XVIII, aponta Philippe Ariès (1986), as crianças eram apenas “pequenos adultos”, mantidas pouco tempo no seio familiar e, logo que assumiam sua independência física, eram inseridas nos espaços dos adultos; não havia instituição escolar, e o aprendizado se fazia no contato com os adultos com que conviviam, sendo difusa a noção do que era “adequado” para essa fase da vida.

Esse cenário só começa a ser modificado na segunda metade do século XVII, quando também, destaca Ariès, começa a ser desenvolvido um sentimento de valorização da infância, corroborada por mudanças demográficas decorrentes de baixa fertilidade e baixa mortalidade infantil, que não poderiam ser explicadas apenas por avanços da medicina e hábitos de higiene. Esses discursos e instituições relacionados à infância e à velhice permitem perceber uma nova forma de organização moderna quanto às fases da vida e ao que poderia ser considerado adequado, na medida em que engendraram sentidos sobre cuidados com esses corpos e subjetividades.

Em 1912, o americano Nascher fundou a Sociedade de Geriatria de Nova Iorque, inaugurando assim o nascimento da clínica de idosos. O interesse da época era centrado nas doenças relacionadas às idades avançadas, especialmente as associadas às modificações anatômicas e fisiológicas do organismo. Esse tipo de perspectiva fez com que a velhice e suas mudanças se concentrassem no corpo, contribuindo assim, mais do que nunca, para tornar temível esse período da vida como uma degeneração do ser. Puijalon e Trincaz (2012, p. 998) afirmam que, em 1962, na França, foi desenvolvida uma política social da velhice por meio do Relatório Laroque. Nele, a integração das pessoas idosas na cidade era defendida, mas apresentava inicialmente o envelhecimento como um fenômeno negativo no plano individual e coletivo. Dessa forma, os slogans dessa campanha reforçavam o sentido de que “os velhos deveriam continuar jovens”.

As autoras afirmam que o corpo velho é particularmente depreciado nas sociedades que cultuam a juventude e a beleza física, como na Grécia, no Renascimento ou na contemporânea. Em outros períodos, como na Idade Média, o corpo envelhecido aparece, em si, como um objeto de repulsa. O ideal estético leva a fazer do velho um símbolo duplo: o da sabedoria manifestada pela brancura dos cabelos, bem como da barba, e o do pecado marcado pelas rugas e mudanças corporais. No âmbito do corpo feminino, percebe-se a desvalorização imagética, pois na juventude o corpo é erotizado, estetizado como objeto de sedução e desejo, contudo, na velhice, é alvo de repulsa, raramente associado ao prazer físico e sexual.

Parece difícil envelhecer quando são privilegiados os valores ligados à juventude: beleza, saúde, dinamismo e rapidez, especialmente na atualidade, em que a boa forma está associada a um corpo jovem, liso, magro e sem marcas (FONSÊCA, 2017). Pierre Bourdieu (2013) problematizou o termo “juventude”, relacionando-o à ideia de imaturidade e inexperiência, dentro de um projeto moderno que visava disciplinar o jovem, controlar sua sexualidade e inseri-lo no mundo do trabalho. Observa-se, contudo, que hoje o conceito de envelhecimento tem outro sentido, considerado uma espécie de estado de espírito, um atributo pessoal, um tipo corporal sem marcas e com vitalidade relacionada aos primeiros estágios da vida, que pode ser compreendido como um imperativo da atualidade.

Com o aumento da expectativa de vida e de um arsenal de procedimentos que visam o rejuvenescimento, mais do que ser jovem, deve-se parecer jovem, mesmo que apenas em imagens forjadas sob os efeitos dos milagrosos produtos cosméticos. Com aproximadamente 20 vídeos feitos por pessoas comuns analisando sua eficácia⁷, o antirruga instantâneo *Ageless Instantly Jeunesse* promete suavizar rugas e marcas de expressão em “apenas dois minutos”⁸. Utilizada especialmente por mulheres com peles maduras antes de fazer maquiagem, a marca tem como missão redefinir a juventude, mesmo que seja apenas para a fotografia publicada nas mídias sociais do evento fruto de tanta preparação.

Nos atuais regimes de visibilidade e vigilância, no campo de disputa e reconhecimento de um estilo de vida adequado para um envelhecimento bem-sucedido, as regras dietéticas acompanham as regras morais e práticas bioascéticas (ORTEGA, 2003; 2008). Os meios de comunicação e os publicitários contribuem para padronizar as subjetividades dessas diferentes categorias de idade e multiplicam práticas paradoxais. Permanecer jovem deve, então, acontecer sem imitar os jovens, pois tal atitude poderia ser mal interpretada e avaliada como “ridícula”, por exemplo. A idade exige convenções e, conseqüentemente, um rol de produtos e serviços normalizados para as demandas de cada fase da vida.

O imperativo da imagem corpórea jovem

Na contemporaneidade, o “cuidado de si” (FOUCAULT, 1985) é associado à manutenção da aparência jovial, de modo a representar uma feminilidade de 20 e poucos anos, uma idade na qual geralmente “está tudo ótimo”. Os contornos bem definidos do padrão ótimo corpóreo são subscritos pelo

⁷ Resultados de busca, disponíveis em: https://www.youtube.com/results?search_query=Ageless+Instantly+Jeunesse%2C Pesquisa feita em 11 de jun. 2023.

⁸ Vídeo de demonstração da marca. Disponível em: <https://youtu.be/GGH7W3sV-5k> Acesso em 11 de jun. 2023

sonho ambicioso de “preservar a juventude e conquistar a imortalidade”, conforme observou Sibilia (2012, p. 89). De acordo com a autora, perante os desatinos do corpo velho, a aliança entre tecnociência, mídia e mercado surge ofertando um largo espectro de soluções e alternativas, que, embora sejam provisórias, aparentam ser eficazes. Todos esses recursos “visam contornar essa defasagem entre tão soberbas ambições e as metas ainda modestas que por enquanto são atingíveis” (SIBILIA, 2012, p. 89). Com efeito, envelhecer bem é não envelhecer, é preservar o corpo sem marcas temporais, se manter ativo e aventureiro. Envelhecer faz parte do *Big business* (BECK, 2012). O mercado da estética e dos procedimentos cirúrgicos está em profusão, de cremes regeneradores a medicações milagrosas, da seringa ao bisturi, da cirurgia às longas horas na academia, diversas são as técnicas que permitem compensar, restaurar, redesenhar os volumes e preencher os vazios, eliminando as marcas do tempo.

Ver em si mesmo outra pessoa é a realização do sonho vertiginoso de ver o que, de fato, não necessariamente se é. No imperativo da imagem jovem que urde corpos e consciências, os indivíduos se desinvestem do autoconhecimento e privilegiam o olhar da alteridade para pautar suas conquistas. Em sua filosofia do sujeito, Foucault (2006, p. 54) questiona a moralidade instituída a partir do “conhece-te a ti mesmo”, expressão que traduz toda a ordenação de mundo e subjetividade ancorada na teoria do sujeito pensante cartesiano. De acordo com o autor, a racionalidade estabelecida pelo “conhece-te a ti mesmo” teria eclipsado uma hermenêutica do sujeito para o cuidar de si e para o preocupar-se consigo mesmo como pregados pela cultura antiga. A moralidade herdada pelo “conhece-te a ti mesmo” reside no princípio fundamental, o conhecimento de si, mas não como uma decorrência do cuidado de si tal qual se estabeleceu na Antiguidade. Segundo Foucault, essa inversão hierárquica vem insistindo em objetificar o corpo em detrimento do sujeito, não raro marcando condutas e governos sobre o homem-corpo.

No capitalismo neoliberal e globalizado, o corpo emerge como “a grande âncora da subjetividade”, pois é na “superfície corporal onde cada um exhibe as suas verdades”, como bem resumiu Sibilia (2006, p. 23). Face ao cenário dessa “cultura somática” ou de “somatização e de exteriorização dos modos de subjetivação” na contemporaneidade, a subjetividade é definida em termos corporais, bem diferente do que ocorreu em épocas anteriores (COSTA, 2005, p. 192-193; BEZERRA, 2002, p. 229; ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 63).

Nessa moldura somática, o corpo passa a ser o ideal do sujeito, pois em sua superfície se demarca o que se é, o que se deseja e se deve ser. Nos textos “A personalidade somática de nosso tempo” e “Notas

sobre a cultura somática”, Jurandir Freire Costa (2005, p. 198) observa que, na cultura somática, “o corpo se tornou a vitrine compulsória de nossos vícios e virtudes, permanentemente devassada pelo olhar do outro anônimo”, e esse fetichismo do corpo é o que nos move a desejar sempre uma “boa vida física”. A propósito dessa marca cultural e de seus efeitos de superfície, tem se consolidado uma personalidade somática que privilegia a aparência física, bem como os espaços para sua visibilidade e exteriorização também na velhice. A mídia contemporânea tem mostrado ser uma eficiente superfície para consolidar essas mudanças imagético-corporais, nem sempre tão sutis. Para o autor, na atual cultura somática, o corpo vem eclipsando o brilho da mente e a vida psicológico-moral.

Diante desse contexto de proeminência das aparências corporais e da elaboração de imagens de si para a alteridade, estabelece-se uma nova episteme da subjetividade, que reconfigura práticas e valores. Os modos de subjetivação interiorizados e introdirigidos, vividos pelo *homo psychologicus* que habitou o período da modernidade, passam a sofrer transformações. Na cultura somática e do espetáculo, vê-se emergir um sujeito alterdirigido e exteriorizado, encarnado em sua aparente massa corpórea magra e ótima. A hipervisibilidade da performance somática tem ocasionado um certo mal-estar na construção da subjetividade, a qual tem se estabelecido mais em função do corpo e da aparência de sua imagem que de sua “vida interior”, de sua interioridade. O corpo físico e mental é, constantemente, considerado falho e precisa ser rotineiramente reconfigurado (BEZERRA, 2002). Isso ocorre porque há uma necessidade incessante em se adequarem os contornos corpóreos às imagens consideradas prestigiosas, que muitas vezes são desencarnadas e fabricadas, mas que tanto se luta, sonha e deseja corporificar.

Em sua tese de doutorado “O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo”, Sibilía (2006, p. 137) mostra que o sujeito é impelido à adequação constante de si, homem-corpo, o qual se sente no dever de recorrer às condutas da tecnociência, a fim de atualizar, reciclar e recriar sua massa corpórea, no curso constante do “*upgrade* do seu corpo obsoleto”. Ao utilizar a metáfora do mundo digital, já empregada anteriormente em seu livro *O homem pós-orgânico*, Sibilía (2004) mostra como o sujeito é condenado ao *upgrade* constante de si, tanto de sua mente, o seu software, quanto de seu corpo, o seu *hardware*. Quem não adere ao *upgrade* incessante geralmente foge à imagem do sujeito ideal contemporâneo, cuja vida é “otimizada” e cultivada pelo cuidado de sua aparência de saúde, beleza e *fitness* (BEZERRA, 2002). No centro da visibilidade, o corpo passa a ser relevante para mostrar quem se é, por isso se procura apresentar sempre uma boa imagem pessoal, no sentido de

corporificar uma imagem prestigiosa. Na recusa da imagem muitas vezes considerada ‘falha’ e ‘desvantajosa’, redefine-se o corpo, esculpindo-o no *upgrade* constante, por meio de técnicas e práticas para se engendrar um outro corpo, mais bem avaliado pela alteridade, encarnado sempre na ideia da “performance ótima e feliz” (CALAZANS, 2013).

Retomando as reflexões do homem pós-orgânico de Sibilía (2002), pode-se dizer que, na busca do corpo perfeito aceito socialmente, os sujeitos são impelidos a rechaçar qualquer tipo de *bug no hardware* (corpo/organismo) e no *software* (mente/código) corporais. Na medida em que o medo constante do envelhecimento da matéria e da perda progressiva da memória alarmam a sociedade do espetáculo, envelhecer e esquecer tornam-se problemas a serem resolvidos cada vez mais cedo. Esses problemas devem ser suavizados “por novos fármacos e por toda a sorte de *fitness cerebral*”, como bem observou Maria Cristina Franco Ferraz (2010, p. 11) acerca do “esquecimento na era da tecla *save*”.

Ainda não se pode impedir a velhice nem a perda de memória: fatos que horrorizam uma sociedade cada vez mais longa e desejosa da durabilidade de vida em modo “ótimo e feliz”. Na contramão da longevidade, estão os problemas relacionados à memória que, no limite, inviabilizam o sucesso das performances dos sujeitos durante suas trajetórias de vida. Na era do sujeito cerebral e da cultura somática, a performance considerada bem-sucedida é exatamente oposta à dos doentes com Alzheimer: uma doença degenerativa caracterizada pelo dano generalizado na memória, seguido de demência e consequentes perdas da autonomia, da independência e da identidade do sujeito, que passa a depender de outras pessoas na realização das atividades cotidianas mais básicas. Frente ao risco da falha corpórea (física e mental) e ao que isso significa em termos de diferenciação biossocial, o indivíduo é instado a ser “empresário de si mesmo” (EHRENBERG, 2010) e, assim, a enfrentar as responsabilidades pela sua autogestão⁹. A representação do corpo ótimo coincide com a imagem de sucesso da empresarização de si. Isso ocorre porque as ideologias da saúde e do corpo perfeito levam os indivíduos a entenderem as

⁹ Emprega-se aqui o termo biossocial como uma alusão à noção de biossociabilidade cunhada pelo antropólogo Paul Rabinow (1999) a fim de se estabelecer uma oposição à sociobiologia, uma teoria de origem evolutiva darwiniana que propõe uma explicação biológica para a sociabilidade humana e dos animais. A biossociabilidade pode ser entendida como uma marca contemporânea de que os critérios de sociabilidade são muitas vezes estabelecidos por uma moralização da saúde. Ao refletir sobre esse conceito, Ortega (2010, p. 30) define biossociabilidade como uma “forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critérios de agrupamento tradicionais como raça, classe, estamento, orientação política, como acontecia na biopolítica clássica, mas segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade, entre outros”. A diferenciação biossocial corresponde, então, a uma série de distinções estabelecidas pela hierarquização moral das performances físicas dos sujeitos.

doenças que “retorcem a figura humana como sendo sinônimo do fracasso pessoal, dos sujeitos que não têm competência para cuidar de si” (ORTEGA, 2010, p. 35).

A esse respeito, Benilton Bezerra (2002, p. 235) afirma que “comportar-se de modo a exibir uma imagem saudável significa apresentar-se a si e aos demais como um sujeito independente, responsável, confiável, dotado de vontade e autoestima”, todos imperativos da contemporaneidade. Se rejeitados, decorrem outros riscos para o indivíduo que, segundo Bezerra, podem ser a reprovação moral, a sensação de desvio, a insuficiência pessoal ou o fracasso existencial. Na tentativa de se manter sujeito e de ser bem-sucedido em ser alguém, os indivíduos acabam subordinados a todo tipo de ajuda especializada, representando o que Eherenberg (2010) denominou autonomia assistida: a gestão de si ancorada em uma oferta de bens e serviços que auxiliam o autoaprimoramento. A performance de sempre aparentar jovem na velhice está, então, ancorada não só na imagem do corpo jovem, mas também no dever e na responsabilidade do autogerenciamento dos riscos à saúde, a fim de evitar doenças ou mesmo minimizar as possibilidades de suas ocorrências.

A cultura da jovem velhice feminina: notas sobre Jane Fonda, *Grace and Frankie* e *Aging Pride*

A ética valorizadora da juventude como capital, discursivamente, acaba também por reforçar a objetificação do corpo da mulher; uma paráfrase que disciplina o corpo feminino para ser sempre belo e sensual. O corpo como capital (GOLDENBERG, 2007) torna-se um “bom investimento” para aproveitar as oportunidades do trabalho, constituir uma boa família e ampliar a participação na cultura do consumo. Quando o corpo é bem “investido”, os resultados são sempre vistos como positivos para a vida da mulher, pois ela certamente receberá os desejáveis dividendos da felicidade prometida, “sinais de saúde e de democracia” (MCROBBIE, 2006, p. 1). Por isso, da jovem é cobrado o “investimento” em seu corpo e, da mulher velha, são cobrados os resultados de seu “investimento”. Nessa balança, o corpo das mulheres velhas tem baixo valor capital e é desvalorizado socialmente, de modo que se busca sempre aparentar uma imagem mais jovial, submetendo o corpo às reconfigurações, plásticas e “correções”.

A hipervalorização de se aparentar jovem na velhice corrobora a ideia de “velhice turbinada”, cujas “individualizadas e flexíveis formações identitárias atuais, prevalece, de um modo geral, o ideário do envelhecer bem associado ao manter-se ativo, bem-disposto e jovem” (CASTRO, 2016, p. 86). Não basta envelhecer com saúde e felicidade, precisa-se negar e esconder as marcas e rugas. Uma esticada aqui, um

enxerto aqui, uma maquiada acolá, e o corpo já aparenta outro. No culto da performance, as “falhas” da velhice são mascaradas por meio do aparentar jovem. A essa velhice a todo custo jovem tão cultuada pela sociedade contemporânea chamamos de cultura da jovem velhice, um culto que incide em mudanças performáticas corpóreas sob a lógica *Forever Young*: em uma tradução livre, eternamente jovem.

Frente ao discurso do risco constante, os indivíduos precisam se sentir protegidos e esperançosos em suas vivências subjetivas autônomas e responsáveis. Na contemporaneidade, a representação da gestão de si considerada vitoriosa é constituída por um indivíduo autônomo e responsável que, sobretudo, deve manter-se equalizado emocionalmente, a fim de não desanimar. A solução é gerir-se em modo assistido, empreendendo toda forma de “cuidado de si” disponível.

E esse imperativo não isenta as mulheres velhas, cobradas não só pelo investimento durante toda a vida, mas também pela gestão da velhice em curso. Por meio dessa perspectiva, a imagem da “mulher poderosa” coincide com a imagem da vencedora e da merecedora do corpo ótimo e feliz, segundo a qual se excluem falhas, doenças, adiposidades e, inclusive, as mulheres mais velhas. Quase nunca retratadas nos programas de moda e beleza, essas mulheres são impelidas a cuidarem de seus corpos na eterna busca pela vida ativa e saudável. Na corrida contra o relógio da própria finitude, “a menopausa se apresenta como um fenômeno orgânico que ameaça a própria felicidade das mulheres”, deixando de ser vista como uma etapa natural do processo de envelhecimento do corpo feminino e passando a ser “associada à doença, por meio da noção de déficit” (FERRAZ, 2010, p. 167-172). Se, na meia-idade, vivenciando a menopausa, a mulher já vive o risco de ser considerada doente, é de se ter receio mesmo de como a sociedade percebe a velhice. Em grande parte das narrativas audiovisuais voltadas para o público feminino, há a desvalorização do envelhecimento, de modo que essa fase é apresentada como algo equivalente ao risco e ao déficit.

Uma das primeiras séries audiovisuais a retratar a velhice como processo foi *Grace and Frankie*, protagonizada por duas mulheres casadas que dão nome à série. Após seus maridos assumirem a homossexualidade e pedirem divórcio para se casarem um com o outro, elas são impelidas a viverem juntas, em função da partilha da separação. Apesar de serem bem diferentes uma da outra, aprendem a constituir uma amizade que acaba por ser a base para encararem alguns conflitos e tabus da terceira idade como a sexualidade, a relação familiar, os vícios e a saúde. Dentre outros feitos, elas abrem uma empresa

juntas, Vibrant, para produzirem vibradores específicos para mulheres velhas, chamados *Ménage à Moi*¹⁰, um produto que ressignifica o sexo e o prazer na velhice. A vitalidade das protagonistas é um valor constantemente explorado na série e, como sinônimo de jovialidade, elas continuam a criar soluções para empreender. Inclusive, devido a um problema no quadril, Grace fica presa no vaso sanitário da casa do novo marido e precisa ligar para Frankie para resgatá-la. Diante disso, elas desenvolvem a *Rise Up*, uma tecnologia de elevação acoplada ao sanitário que ajuda as pessoas com dificuldades de locomoção a terem melhor acessibilidade no banheiro. Para conseguir financiamento para a ideia, elas fazem um pitch no programa *Shark Tank* (FIGURA 3), *reality-show* em que empreendedores de sucesso selecionam ideias de negócio para traçar parcerias e arrecadar condições para viabilizar as inovações.

FIGURA 3 – Grace e Frankie participam do Shark Tank.



Fonte: Reprodução/Netflix. Disponível em: <https://bit.ly/3NIYxTF>

É interessante observar que Jane Fonda foi escolhida para interpretar a personagem Grace na série *Grace and Frankie*, uma atriz que foi *sex symbol* do cinema estadunidense durante as décadas de 1960 e 1970, bem como musa *fitness* que, aos 40 anos, gravou vídeos (VHS) de exercício aeróbicos lançados na década de 1980 com o emblema “*No pain, no gain*”: em uma tradução livre, “não há ganho sem dor”. Tal emblema tem sido reutilizado no movimento *fitness* contemporâneo (ACFAOM, 2017). Vale ressaltar que ela foi uma das precursoras do mercado de ginástica aeróbica e do culto ao corpo magro e esculpido. Jane Fonda foi símbolo de juventude e é, na atualidade, símbolo da jovem velhice, com uma imagem que não aparenta a idade que tem, mesmo que a série tenha trazido o debate sobre Grace assumir ou não os

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/GraceandFrankie/videos/698092203708556/>.

cabelos brancos e a decorrente transição nos episódios (FIGURA 4). No entanto, o espírito empreendedor, a elegância e a vitalidade da amizade das duas formam um conjunto de exercício de sociabilidade pleno e emancipador na velhice.

FIGURA 4 – Grace exibe a raiz branca do cabelo devido ao crescimento capilar



Fonte: Reprodução/Netflix. Disponível em: <http://glo.bo/3Nr5Jy0>

Em seu livro *O melhor momento: aproveitando ao máximo toda sua vida*, Fonda (2011) narra que vivenciou a bulimia desde a adolescência e que, no seu primeiro filme, *Tall Story* (1960), foi pressionada pelos produtores a alterar sua aparência, pois queriam que ela fizesse plástica no nariz e colocasse silicone nos seios (VALKIRIAS, 2017). Jane Fonda diz não ter vontade de voltar aos tempos de sua juventude, uma vez que era um momento de muita insegurança, como pode ser percebido na seguinte citação:

Mas não sou a única que não gostaria de voltar à adolescência — e por nada deste mundo! É uma fase complicada demais! *As tentativas de se adequar causam muita angústia!* Também não tenho vontade nenhuma de repetir meus vinte ou trinta anos, aliás. Para mim, essas décadas foram dominadas pela tensão de tentar deixar minha marca. E Deus me livre de reprisar a época “intermediária” dos quarenta ou cinquenta e tantos. Na minha opinião, os “bons tempos” na verdade foram “tempos mais ou menos”. *Eu perdia muito tempo preocupada com não ser boa o bastante, inteligente o bastante, magra o bastante, talentosa o bastante.* Posso dizer com toda a sinceridade que, no que diz respeito ao bem-estar, o momento atual é o melhor da minha vida (FONDA, 2011, p. 19, grifos nossos).

Na série, Grace é a imagem da “mulher poderosa”, empresária de sucesso recentemente aposentada, magra e elegante. Nas primeiras temporadas, Grace aparenta ser distante afetivamente de amigos e família, mas, com o tempo, ela se abre a novas experiências amorosas, tornando-se mais assertiva, sem medo de ousar, chegando até a ter relações sexuais e experimentando pela primeira vez um

vibrador. Apesar da magreza, na série, Grace não é apresentada como alguém que realiza atividades físicas, contudo há uma relação muito interessante com comida, bebida e medicamentos: ela prioriza comidas com pouca caloria e, em quase todos os episódios, é vista bebendo drinque Martini e costuma tomar muitos remédios para dor. Enquanto isso, a dietética de Frankie é baseada em liberdade alimentar, com uso de drogas recreativas, como a maconha. Nas últimas temporadas, há um debate sobre o consumo excessivo de álcool e a necessidade de tratamento, porém, apesar do conselho a Coyote (Ethan Embry), filho de Frankie dependente químico em recuperação, Grace opta por seguir ingerindo bebidas alcoólicas.

Mas há questões relacionadas à saúde que a forcem a perceber que está velha, um sentido que parece ter sido negado pela personagem por muito tempo. Durante as quatro temporadas, Grace vivencia diversos desafios: cai no chão, sonha que quebrou o quadril, opera o joelho, precisa andar com muleta, tem dificuldades de locomoção. Para ela, que se orgulha de sua autonomia na série, o fato de poder se tornar um indivíduo dependente é simplesmente algo atemorizante. A imagem da “mulher poderosa” coincide com a imagem de vencedora, autônoma e merecedora do corpo ótimo e feliz, segundo a qual se excluem falhas, doenças, adiposidades e, inclusive, as marcas da velhice.

Um ponto chave dessa série é a amizade entre Grace e Frankie, uma forma de cumplicidade feminina que se estabelece como pilar da narrativa, bem como do cuidado e da solidariedade entre as personagens. Na amizade, Grace e Frankie encontram respeito, carinho, compreensão para viverem a velhice, bem como os desafios e as oportunidades a elas postos na vida cotidiana. Na pesquisa sobre a Bela Velhice, Goldenberg (2013) observa a relevância das amizades entre as mulheres na velhice, em meio a um cenário no qual as pessoas velhas são negligenciadas pela família e cuidadores. Por conseguinte, as amigas muitas vezes são “as verdadeiras cuidadoras” (GOLDENBERG, 2013, p. 64), tal qual Grace e Frankie na série. Ainda que presente no discurso midiático, o envelhecimento é, nessa série, algo performático e longe de uma noção que priorize totalmente o culto à velhice, e não o culto à juventude, ao *anti-aging*, traduzido livremente por rejuvenescedor.

O tema do orgulho da velhice foi mote de uma exposição inédita no Museu Belvedere de Viena intitulada *Aging Pride*, em 2018. Por meio da exibição de obras históricas e contemporâneas de artistas com uma diversidade de ideias sobre a idade, a exposição buscou problematizar as limitações da idade e do culto à juventude e ultrapassar a exaltação e o pessimismo. Essa exposição mostrou o envelhecimento não em termos de deficiência para o olhar da alteridade, mas como um processo cujos traços da velhice

indicam “poder, experiência, sabedoria, contemplação, desejo de vida e triunfo sobre convenções societárias” (AGING PRIDE, 2018). As imagens da exposição mostram que o envelhecimento é, além de processo biológico, uma construção cultural.

Por fim, para esse trabalho, duas imagens foram selecionadas para ilustrar algumas resistências observadas no campo artístico diante da cultura da jovem velhice contemporânea. A Figura 5 é uma fotografia da artista austríaca Margot Pilz, cujos cabelos brancos fazem parte de sua marca, a qual performa em uma cena *fitness*, com um halter e um mecanismo de adução. A boca entreaberta e os olhos um pouco fechados indicam um berro como um grito de guerra; a feição confirma a face de batalha. O braço arqueado apresenta um combate cujo opositor é o rejuvenescimento, ratificado pelo título da imagem, *Anti Aging*.

FIGURA 5 – Imagem de Margot Pilz, *Anti Aging*, 2010. Fotografia de Daniela Beranek



Fonte: Museu Belvedere. Disponível em: https://www.belvedere.at/aging_pride

A segunda imagem selecionada foi o quadro da artista estadunidense Aleah Chapin *The Last Droplets Of The Day* (2015): em uma tradução livre, “as últimas gotas do dia”. O quadro apresenta um grupo de mulheres velhas, juntas, algumas abraçadas, outras deitadas na grama, com seus corpos nus divertindo-se em um jardim. Com os cabelos grises, elas riem e se divertem em um movimento de estética e vivência da amizade. A liberdade dos gestos, a ausência de vestimentas e o movimento das personagens (FIGURA 6) parece ser uma ode à amizade entre as mulheres, à liberdade e ao orgulho de envelhecer.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.362>

Conforme Ortega (1999, p. 157), as ciências sociológicas concederam à amizade “uma função de crítica social”, pois ela favorece a existência de uma opinião pública. Segundo o autor, a amizade funciona como uma passagem que abre espaço para o desvio, sendo assim um âmbito para possíveis resistências e existências. Na contemporaneidade, em que impera o culto da jovem velhice, a maior resistência da mulher é ter orgulho de envelhecer.

FIGURA 6 – Quadro *The Last Droplets Of The Day* (2015), Aleah Chapin.



Fonte: Museu Belvedere. Disponível em: https://www.belvedere.at/aging_pride

Ambas as imagens mostram outras subjetividades possíveis face ao imperativo do envelhecimento contemporâneo. É preciso identificar a existência de brechas sobre os sentidos de velhice, pois só assim constituiremos outros devires rumo a uma ética cidadã favorável à potência e à diversidade de vida.

Considerações finais

A personagem de Fitzgerald parece assustadora por não seguir o fluxo biológico. Envelhecer torna-se um risco que deve ser prevenido e a base para produzir subjetividade e corpos. Não é pensar sobre a existência do risco, mas sobre como sua constituição muda as formas como as subjetividades são construídas; é o surgimento de condições de possibilidades que permitiram entender o deslocamento de um processo natural como o envelhecimento para a ideia de risco que deve ser gerenciado.

A noção de perfeição exclui falhas e tribulações, de modo que velhice, doença e fracasso não são por ela compreendidos. No mundo contemporâneo, a longevidade associada a uma aparência sempre

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.362>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p. 47-69, set./dez. 2023

jovem e saudável é o imperativo da jovem velhice, digna de capa de revista, que não raro reforça o silêncio discursivo acerca da mulher mais velha, aposentada ou, ainda, doente. Quando outras texturas de pele e jornadas emergem na indústria do entretenimento, elas têm sempre algo a mais, seja por um legado de trabalho, como o caso de Apo Whang-Od, seja como Frankie, que tem o espírito jovem.

Permanecer jovem é não desperdiçar o capital da juventude. Este não envelhecer não concerne apenas ao tempo, mas à boa gestão corporal. Envelhecer parece uma fraqueza. A velhice é um déficit moral contemporâneo, pois é fruto do desleixo, da falta de responsabilidade com seus cuidados de si e destino dos perdedores. O discurso da prevenção não tem restrições, a velhice parece não ser um estágio da vida, mas uma verdadeira falta de moral com tantos recursos disponíveis.

Na temporalidade contemporânea, envelhecer é um processo perverso de desenvolvimento, e não o destino biológico do corpo. Não é negar as perdas e mudanças do tempo, mas outro caminho se torna possível; afinal, o organismo pode se recuperar, se adaptar, ser “otimizado” por ser entendido como uma espécie de objeto moldável, plástico que, alinhado com os recursos certos, continua utilizável, escapando, mesmo que por pouco tempo, de sua organicidade. A prevenção na atualidade tem como objetivo prolongar a vida de maneira que o corpo mantenha uma boa forma. Envelhecer bem parece sinônimo de um envelhecimento bem-sucedido, ainda que performático.

De fato, o valor da mulher em todas as fases de sua vida é medido em termos de sua capacidade de empreender uma “performance ótima e feliz” (CALAZANS, 2013), equalizada pelos critérios de juventude, beleza, magreza, saúde, harmonia do lar e equilíbrio nos relacionamentos. Com efeito, a velhice feminina desviante associa-se aos riscos da existência contemporânea e à reprovação do olhar vigilante. Em uma palavra, ela é o sinônimo do fracasso da mulher. Já a jovem velhice feminina corresponde à capacidade de cuidar de si, de ser autônoma, responsável, apta a gerir-se e a vigiar-se de modo a evitar todo tipo de fracasso pessoal. Essa moralização é parte da estrutura do duplo saber-poder incidido sobre os indivíduos, o qual normaliza o constante *to fit in* (adequar-se) performático no sentido de promover o ajuste pessoal quase em níveis de perfeição. O culto geral da juventude e da beleza, o medo da velhice e da morte, a imposição de cânones de beleza aos quais só um pequeno número pode facilmente conformar-se, a contradição entre o ideal de beleza consagrado (corpo magro e musculatura bem trabalhada) e a realidade completamente diferente do modo de viver (vida sedentária, conforto, falta de exercício físico, recusa de

trabalhos manuais), tudo isso impede a maioria das pessoas de se sentir à vontade em seu próprio corpo, bem como de aceitar sua imagem de (im)perfeição.

Fabiola Calazans

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7455-5936>

Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Brasília (DF), Brasil

iDoutora em Comunicação pela UnB

E-mail: fabiola.calazans@gmail.com

Angélica Fonsêca

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2646-997X>

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Mestra em Comunicação pela UnB

E-mail: angelica.fonseka@gmail.com

Recebido em: 12 de junho de 2023.

Aprovado em: 25 de agosto de 2023.

Referências:

ACFAOM. **No Pain, No Gain**. 2017. Disponível em: <<http://www.acfaom.org/information-for-patients/common-conditions/no-pain-no-gain>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

AGING PRIDE. **Belvedere**. 2018. Disponível em: <<https://www.belvedere.at/en/aging-pride-0>>. Acesso em: 3 fev. 2018. ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1986.

BECK, Ulrich. Sobre a lógica da distribuição de riqueza e da distribuição de riscos. In Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade. Editora 34: São Paulo. 7-93.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.362>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p. 47-69, set./dez. 2023

BEZERRA Jr., Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, C. A. (Org.). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002. p. 229-239.

BOURDIEU. Pierre. **Capital simbólico e classes sociais**. Trad. Fernando Pinheiro. Novos Estudos Cebrap, 96, jul. 2013

CALAZANS, Fabíola. “Seja ótima, seja feliz”: discurso, representação e subjetividade feminina no canal GNT. Tese (Doutorado em Comunicação Social na linha Imagem e Som) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

CASTRO, G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 31, p. 79-91, abr. 2016.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Org. e Tradução Pedro F. Bendassolli. Aparecida, SP: Editora Ideias e Letras, 2010.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Do espelho machadiano ao ciberespelho: interioridade na atual cultura somática. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 39, ago. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5846/4240>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

_____. **Homo deletabilis**: corpo, percepção, esquecimento do Século XIX ao XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. FITZGERALD, Francis Scott. **O curioso caso de Benjamin Button**. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

FONDA, Jane. **O melhor momento**: aproveitando ao máximo toda a sua vida. São Paulo: Editora Paralela, 2011. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/88011.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2017.

FONSÊCA, Angélica Freitas. **Ruínas do corpo**: práticas de si e os sentidos da “boa forma” na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília. Faculdade de Comunicação Programa de Pós-Graduação. Linha de Pesquisa em Imagem, Som e Escrita. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. Introdução. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007, p. 9-13.

_____. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

MCROBBIE, Angela. **Four technologies of young womanhood**. *Oral presentation*. Zentrum für Interdisziplinäre Frauen- und Geschlechterforschung, Berlin, 31 oct. 2006.

MOREIRA, Virgínia; NUNES NOGUEIRA, Fernanda Nícia. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicologia USP**, vol. 19, núm. 1, jun-mar, 2008, p. 59-79. Instituto de Psicologia. São Paulo, Brasil

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

_____. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva**, 11(1), p. 59-77, 2003.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PUIJALON, Bernadette; TRINCAZ, Jaqueline. Velhice. In **Dicionário do corpo**. Organizado por Michela Marzano; tradução de Lucia Pereira de Souza et. Al. – 1 ed. – São Paulo: Edições Loyola, Centro Universitário São Camilo, 2012. RABINOW, Paul. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

SIBILIA, Paula. Do homo psico-lógico ao homo tecno-lógico: a crise da interioridade. **Revista Semiosfera**, ECO-UFRJ, Rio de Janeiro, ano 3, nº 7, 2004.

_____. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Revista Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, ano 9, vol. 9, n. 26, p. 83-114, nov. 2012. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/345>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

_____. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **O pavor da carne**: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Medicina Social., UERJ, Rio de Janeiro, 2006.

VALKIRIAS. **Jane Fonda e o ativismo**: um lado pouco conhecido. 2017. Disponível em: <<http://valkirias.com.br/jane-fonda-e-o-ativismo-um-lado-pouco-conhecido/>>. Acesso em: 05 out. 2017.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.